

As dívidas na vida do americano

JAMES RESTON
Do N. Y. Times

WASHINGTON — O cidadão norte-americano interessado em descobrir as causas de nossas misérias econômicas não precisa fazer mais do que olhar o espelho. A administração Reagan é acusada, pelo Congresso, de ter reduzido demais o orçamento, ao passo que *Wall Street* a censura por ter reduzido pouco o orçamento. Entretanto, quase não se fala na atitude do povo, que faz cada vez mais dívidas.

Os norte-americanos estão tomando maiores empréstimos e poupança menos, hoje, do que nos anos anteriores. Estão fazendo isso em proporção muito maior do que o povo do Japão e de qualquer outro país industrial. Eis alguns exemplos:

— Só em julho deste ano, os cidadãos norte-americanos retiraram 5,6 bilhões de dólares mais do que depositaram. Instituições de poupança dos Estados Unidos informaram que os depósitos foram inferiores às retiradas em 25 dos últimos 28 meses. O escoamento líquido das associações de poupança e empréstimos, nos primeiros sete meses deste ano, foi de 16,7 bilhões de dólares.

— O crédito ao consumidor, que inclui prestações e outras formas de pagamento, mas sem hipoteca, atingiu o valor de 210 bilhões de dólares em fevereiro de 1975. Em dezembro de 1980, atingiu os 386 bilhões de dólares.

— O débito relativo a hipotecas de residências aumentou mais de 100% nos últimos dez anos — de 358 bilhões de dólares em 1970 para 1,1 trilhão de dólares em 1980. Atualmente, a família média norte-americana gasta, quase a quarta parte de sua renda com pagamento de hipotecas e de outros débitos.

— Recentemente, a Casa Branca solicitou ao Congresso que elevasse o teto do débito federal para mais de um trilhão de dólares, para o pagamento de suas contas. Mas, mesmo assim, o débito federal, que assusta tanta gente, aumentou na proporção de apenas 300% nos últimos 30 anos, ao passo que as prestações pagas pelos consumidores aumentaram 14 vezes, os débitos empresariais 13 vezes e o valor das

hipotecas corresponde a 16 vezes o valor de há 30 anos.

Competição

Assim, ao ler, no jornal, que a média industrial *Dow Jones* atingiu seu ponto mais baixo em 16 meses, na semana passada, após o discurso do presidente Reagan sobre a situação econômica e que *Wall Street* aparentemente está dando maior atenção ao pessimismo de Joe Granville do que ao otimismo de Reagan, com respeito à inflação e às taxas de juros, o cidadão norte-americano deve lembrar que Washington não é a única área esbanjadora da República.

A psicologia da dívida — não poupe nem pague... leve agora, e pague depois... a dívida não é um perigo, e sim um meio de reduzir o imposto — deve ter sido popularizada, nos Estados Unidos, por Roosevelt, na década de 30, mas aparentemente foi aceita como modo de vida pelas empresas e pelo público norte-americano, que agora competem com o governo por empréstimos, contribuindo, dessa forma, para o aumento das taxas de juros.

Nem todos os economistas se preocupam com esse acentuado aumento das dívidas pessoais. O crédito foi o combustível que conduziu a economia norte-americana ao mais alto nível de produção, de emprego, e proporcionou uma vida particular decente para maior número de pessoas do que todas as máximas de Ben Franklin ou de Henry Ford.

Mas o crédito deixou de ser apenas uma necessidade, nos Estados Unidos, e converteu-se em vício, como a bebida e o sexo. O cartão de crédito, como a pílula, converteu-se numa armadilha — um meio fácil de se obter o que se quer na hora, e pensar nas consequências depois.

Cartões de crédito

Atualmente há quase 600 milhões de cartões de crédito em circulação nos Estados Unidos — a média de sete cartões para cada 82 milhões de adultos — e, como a pílula, eles afastam, ou pelo menos adiam, a agonia de pedir empréstimo ou recorrer à fraude.

Mas as contas estão invadindo a vida pública, comercial e particular. O orçamento de Reagan simplesmente não resolverá o problema. Ele descobriu que não poderá cortar a verba de bem-estar social na proporção de 50 bilhões de dólares e transferir esse dinheiro para o Pentágono; que não poderá reduzir os impostos, cortar os programas de merenda escolar e de benefícios pagos aos aposentados por idade, e ainda equilibrar o orçamento, sem com isso induzir o povo a voltar às ruas, em manifestações de protestos.

Nesse interim, os assentamentos dos tribunais mostram que a proporção de divórios é mais alta do que nunca, e também indicam que as falências pessoais aumentaram na proporção de 75% no decorrer do ano passado — de 209.500 em 1979 para 367.000 em 1980. Em vista disso, temos um debate, em Washington, que não gira apenas em torno da necessidade de equilibrar o orçamento federal, mas também da necessidade de equilibrar a mente da nação, alterando a “psicologia inflacionária” — segundo a qual as dívidas não importam — que, na verdade, é incentivada pelas leis de impostos que encorajam o empréstimo e oferecem uma compensação pelos juros pagos.

Co-responsáveis

Pode-se dizer muita coisa contra o orçamento de Reagan, assim como sobre o fato de o Partido Democrata não ter apresentado uma alternativa razoável, mas o problema não está restrito à área política — ele também está dentro de nós. Enquanto o presidente recomenda as reduções e o equilíbrio, o setor privado faz propaganda incessante, incentivando-nos a comprar e a procurar empréstimos — e é isso o que estamos fazendo.

O estranho, em tudo isso, é que, embora ainda sejamos muito ricos, como nação, aparentemente não temos uma vida boa, já que a ideia de viver além dos nossos recursos não é parte integrante do caráter norte-americano. Isso é fácil, a curto prazo, mas já existe evidente preocupação com o que acontecerá no futuro nos círculos do governo e entre os cidadãos particulares.